

Da minha biblioteca

Contos Municipais - António Manuel Venda



Adriana Nogueira

Classicista
Professora da Univ. do Algarve
adriana.nogueira.cultura.sul@gmail.com

Aguardo sempre com alguma expectativa quando António Manuel Venda publica uma nova obra, desde que li o seu primeiro livro, em 1996, *Quando o Presidente da República visitou Monchique por mera curiosidade*. Ao longo dos anos, fui acompanhando o seu percurso literário, até que, em maio deste ano, saiu o último, intitulado *Contos Municipais*, editado pela Just Media.

Desengane-se quem achava que uma câmara municipal não dava um divertido passatempo. Principalmente com um presidente dependente de *whiskey* e sempre a praguejar; com um vereador a querer estabelecer uma ligação umbilical com uma cidade imaginária do Brasil (em vez de uma simples geminação), para poder estar perto da namorada; com um partido da oposição que elege o Diabo como vereador; ou com uma secretária que passa a ferro a correspondência que o presidente amachuca...

Neste novo livro, António Manuel Venda situa os acontecimentos numa edilidade na serra, nunca nomeada. Sabendo nós que o autor é de Monchique, podemos deduzir que pode ter sido a sua fonte de inspiração, mas deste modo torna-se mais ambíguo, mais universal, e pode-se aplicar a muitas outras terras por esse país fora. O mesmo se passa com os nomes: exceto a bruxa (Maria Cadela) e os diabos (Diabo e Diaba), ninguém ali tem nome próprio, mas são todos conhecidos

pela profissão que exercem: o especialista, o funcionário, o vereador, o guarda, etc.

O título diz-nos que se trata de um livro de contos, mas, na verdade, os dez casos ali narrados mais parecem capítulos de uma novela, pois entreligam-se entre si, não só pelas personagens que se repetem de história para história (o presidente da câmara, protagonista ou personagem secundária, aparece quase sempre), como pelas referências que são feitas e que remetem de uns para outros. Por exemplo, no último conto, «Com a cruz às costas», quando o presidente matuta no aproveitamento político que se pode fazer de um aparente milagre, discorre, ao mesmo tempo: «O milagre tinha

mesmo pegado. Não tinha sido como o dos diospiros, que estava rapidamente a cair no esquecimento», remetendo o leitor para a história das «Duas nuvens furiosas em pleno Verão».

Bruxas e bruxedos, diabos e diabruras

António Manuel Venda gosta de (e consegue) construir ambientes normais, com gente comum, nos quais circulam seres estranhos, que todos encaram com naturalidade, sem se surpreenderem, como se não vissem o impossível da situação, o que leva a que frequentemente o considerem um cultor do realismo mágico.



António Manuel Venda é natural de Monchique

E não deixa igualmente de ser assim neste livro: há um inspetor-geral de uma «instituição de fiscalização da capital» que, tendo ido para aquela terra inspecionar as atividades da câmara, adoece e começa a inchar de tal maneira que, querendo transferi-lo para o hospital distrital, «não conseguem retirá-lo do quarto, nem pela porta nem pela janela. (...) Passados dois dias, acabaram por tomar a decisão de partir a parede, inclusive com a anuência do gerente do hotel» (p. 68).

Na lista de personagens fantásticas, está um presidente de uma junta de freguesia que é um ouriço-caixeiro. Literalmente. Um bicho cheio de espinhos, dentro de uma gaiola, tapada com serapilheira. Há um vereador que se chama (e parece mesmo que é)

Diabo: «um indivíduo baixo e gordo, de fato preto, camisa preta e gravata vermelha» (p.30), que amolece o plástico da cadeira onde se senta. Há uma bruxa que faz bruxedos por encomenda e, quando não lhe pagam os serviços, fá-los por conta própria... enfim, uma panóplia de figuras e de situações que nos são mostradas como normalíssimas, apresentadas com a habilidade e a graça que reconhecemos em António Manuela Venda.

Os males autárquicos

Mas não só de realismo mágico é feito o livro. Há realismo muito pouco mágico, disfarçado com uma capa de humor.

Para quem nunca esteve ligada a uma estrutura partidária nem fez parte de órgãos autárquicos, como é o

meu caso, vai encontrar algumas referências aos males que comumente se ouve dizer que as câmaras sofrem (e que, acredito, não se aplica a todas. Aliás, espero mesmo que não se aplique à sua maioria): que praticam um despesismo sem sentido (o presidente manda comprar dois elevadores, mas só manda montar um deles, deixando o outro fechado, bem acondicionado, pronto a ser instalado e utilizado); que há corrupção, roubos e negócios pouco lícitos; que há envolvimento entre secretárias e chefes; que há excesso de bebida; que há desinteresse pelos munícipes, exceto durante as campanhas eleitorais...

Mas que não se pense que estamos apenas perante um rol de queixas. Antes pelo contrário. É muito mais do que isso. Por exemplo, ao invés de nos contar com pormenores e explicitamente que existe um relacionamento entre o presidente da câmara e aquela que nos é apresentada, logo no início, como «secretária/ assessora/ conselheira/ confidente» (p. 20), é com ironia, e de uma forma indireta, que o vamos desvendando, como se pode inferir destes dois exemplos: «A secretária não se limitou a pensar [que o Diabo estava ali], soltou imediatamente um grito, mas mais uma vez ele chegou-lhe a tempo com uma das mãos à boca. Via-se que tinha experiência nisso, em meter-lhe as mãos na boca sempre que ela ia para gritar, coisa que tinha alturas em que dava um certo jeito, como ele bem sabia» (p. 34). Ou então: «Falaram de outras coisas. Pela noite fora. Quando falaram. Nem sempre falaram. Estavam longe do concelho, numa viagem que incluía um hotel da capital» (p. 86).

Este é daqueles livros pequeninos (87 páginas), que tem, certamente, muito para contar, para quem quiser (e souber) lê-lo.



“BAILADO ORFEU E EURÍDICE”

11 JUL | 21.30 | Teatro das Figuras - Faro

É nos trezentos anos sobre o nascimento de Christoph Willibald Gluck que a Companhia Nacional de Bailado encomenda a Olga Roriz um Orfeu e Eurídice, baseado naquela que foi uma das magistrais partituras do compositor alemão



“ARTE MOLE”

Até 29 de JUL | Galeria de Arte Pintor Samora Barros - Albufeira

O pintor José Maria Subtil intercala a figura humana com a paisagem, e é por esta que se tem notabilizado, sobretudo quando aborda os ambientes rurais e urbanos tradicionais do Alentejo e das Beiras